



1

## Batidas no vidro

Na primeira vez em que a vi, apareceu assim do nada, como surgem os gênios das lâmpadas mágicas – embora sem fumaça, nem som de harpa, nem necessidade de roçar nada além de minhas preocupações.

Naquela manhã eu estava agitada como de costume, especialmente nervosa por causa de uma reunião com o pessoal da Royal Petroleum. Não consegui comer nem metade da torrada. Acabara de dar os toques finais à apresentação, e sobre a mesa se misturavam o celular, a manteiga irlandesa, o mapa A-Z de Londres, as luvas de pele que Joaquín esquecera em sua pressa matinal, o prato com as torradas e uma xícara de café do casamento de William e Kate que só saía do armário quando não havia mais nenhuma limpa. Ao terminar, me aproximei da pia com o computador numa mão e os restos do café da manhã na outra.

De repente, minha vista ficou nublada e senti que estava tendo outra das minhas vertigens. Soltei o prato com a xícara, a faca suja de manteiga e as torradas intactas, e tudo caiu sobre a pilha de louça que Joaquín deixara ali, fazendo o maior estrondo. Então me apoiei com a mão livre na superfície de inox enquanto abraçava o computador, tentando suportar a onda de náusea e uma sutil palpitação que percorria meu corpo. Essa sensação

tinha se tornado muito familiar nas últimas semanas. Respirei profundamente e engoli em seco uma, duas vezes.

– Calma, Sara – disse a mim mesma. – Já vai passar, vai passar, como nas outras vezes.

Enquanto repetia essa frase, olhava intensamente para a janela, como se tentasse me agarrar ao mundo com os olhos. Vi o habitual céu cinza de Londres, aviões na rota de Heathrow, nosso jardim, triste e descuidado, encaixado entre tantos outros, as casas de ladrilhos escuros ao fundo. Não era uma vista maravilhosa, mas pelo menos dava uma sensação de espaço, e sua familiaridade me serviu de âncora. O enjoo foi se atenuando.

– O que está acontecendo comigo? – me perguntei pela primeira vez desde que essas náuseas matinais tinham começado.

Há alguns anos, minha primeira suspeita teria sido uma gravidez, e eu correria, apavorada, atrás de uma farmácia para fazer um teste. Essa possibilidade chegou a me ocorrer então, mas fazia muito tempo que Joaquín e eu não conseguíamos conjugar a calma e a intimidade necessárias para esses jogos tão divertidos, apaixonados e pegajosos que antes eram fáceis de improvisar em qualquer esquina entre risos e que os livros didáticos associam, embora pareça mentira, ao transcendente milagre da procriação. Esse fato era preocupante por vários motivos, e a pergunta voltava a me torturar agora, enquanto eu continuava observando os aviões que sulcavam o céu, uniformemente encoberto: o que está acontecendo comigo?

Foi então que o gênio da lâmpada se materializou. Desviei os olhos por um instante – o suficiente para constatar que nem o prato nem a xícara dos príncipes haviam se quebrado – e tornei a olhar para fora. Não deve ter se passado nem meio segundo. Mas ali estava o animal, ocupando toda a janela, com aqueles olhos verdes que me fitavam com intenção predadora. Gritei de susto, dei um passo para trás, protegendo-me da “fera” com o celular de titânio.

Então pude vê-la melhor. Atrás do vidro se encontrava um inofensivo gato de pelo curto e dourado, de rabo ereto e com

um leve ar sofisticado. Apesar do meu grito, ele nem se mexera, continuando a observar com curiosidade aquele meu peculiar comportamento humano.

Comecei a rir, mas o riso morreu na minha garganta quando ouvi o gato *falar*:

– Pode abrir para mim?

A voz era doce e aveludada, quase um ronronar. Uma voz claramente feminina, que logo me fez pensar: “gata”. Uma voz profunda e ao mesmo tempo delicada, mais antiga que idosa, como o som de um violoncelo Stradivarius, mas com um toque mais... selvagem.

Depositei o celular na bancada. Olhei para um lado e para outro, a fim de me certificar de que estava sozinha, de que não havia nenhum ventríloquo dentro do lava-louça nem uma câmera escondida nos armários. Não vi nada fora do lugar. O relógio de parede indicava a hora do meridiano de Greenwich; hora, é claro, de sair voando por aquela porta se não quisesse me atrasar para a reunião. As luvas de pele de Joaquín reconstituíam sobre a mesa a forma de suas mãos ausentes, de maneira tão perfeita que pareciam segurar faturas de conta de luz e um folheto publicitário de uma agência de *minicabs* local. A geladeira continuava vibrando com seu leve zunido. Tudo parecia normal.

Exceto o gato (gata?) na janela. Agora se mostrava impaciente e andava no parapeito de um lado para o outro. Por fim, parou, sentou-se e voltou a falar, num tom mais insistente:

– Querida, posso entrar?

Ao menos foi isso que pensei escutar, embora fosse absurdo, em minha cozinha de sempre, com meus objetos de sempre. No entanto, agora que a examinara melhor (constatei que era fêmea), podia garantir no mínimo que a gata NÃO havia mexido a boca. Que bobagem! Como iria mexer a boca? Por acaso os gatos falam? O que tinha ouvido com certeza não viera daquele animal. Tampouco do rádio ou de qualquer outra parte. Parecia vir diretamente da gata.

– Sim, sou eu, na janela – escutei então, atônita, a voz aveludada da gata, que soava tão claramente como o tique-taque do relógio na parede. – Vai me deixar entrar ou não?

Desta vez a felina golpeou o vidro duas vezes com a pata, como se quisesse tornar mais urgente seu pedido. As batidinhas me assustaram, e cheguei a temer que o animalzinho derrubasse a janela com a próxima patada.

E o pior é que, ao ouvir uma gata falar assim, com tanta naturalidade e desembaraço, em tom sedutor e insistente, num espanhol perfeito embora estivéssemos na Inglaterra, qualquer outra loucura começava a parecer possível.

– Claro, é um sonho – tranquilizei-me, pegando o notebook, mas o toque frio e metálico da superfície do aparelho parecia desmentir isso. Seria então uma alucinação? Na verdade, ultimamente eu vinha trabalhando demais e dormindo pouco, o que ia contra meus hábitos. Não era normal viver sempre à base de café para acordar e pílulas para dormir. Sabia disso, é lógico. Minhas enxaquecas estavam mais frequentes, e agora apareciam essas vertigens estranhas. Acho que o fato teria me preocupado mais se eu tivesse tido mais tempo para isso. O que me fazia lembrar que em pouco mais de meia hora começaria a reunião com o pessoal da Royal Petroleum. Outro sintoma de enjoo se esboçava. Fechei o computador rapidamente, guardei-o na mala de náilon preta e fui até a porta da cozinha. Antes de sair, ouvi a gata batendo mais duas vezes na janela, mas nem me virei para olhá-la.

A reunião começava às nove. Em ponto, porque na Inglaterra as reuniões começam *o'clock*. Quando saí para o frio da rua, eram 8h27. Ao entrar na estação de West Hampstead, 8h36. A coisa ia mal, eu até já imaginava o comentário sarcástico de Grey, na frente do cliente, sobre a espanholinha e seu conceito mediterrâneo do tempo. Pelo caminho, não vi nem as árvores peladas de fevereiro, nem os londrinos apressados, nem os cartazes publicitários das escadas rolantes. Enquanto meu corpo

corria, minha cabeça ensaiava a apresentação que eu havia preparado no último minuto da tarde anterior, no trem vindo de Glasgow, e finalizado em casa à meia-noite, com Grey me ligando no celular a cada dez minutos:

– *Come on, Penelope* – dizia ele. – Vamos, Penélope, isso é para amanhã, se você não terminar vou jogá-la aos tubarões.

Grey gostava de me chamar de Penélope, porque Penélope Cruz devia ser a única espanhola que ele conhecia. Depois de onze anos trabalhando juntos, a brincadeira continuava a diverti-lo. Mas ultimamente o divertia mais ainda, desde que a atriz fora contratada para estrelar a recente sequência de *Piratas do Caribe* – para Grey o ápice da cultura ocidental, ao lado do futebol e da cerveja.

Na primeira vez em que entrei nas instalações da Buccaneer Design, já havia lido algumas reportagens sobre essa agência web, pequena, mas peculiar, situada em uns estábulos antigos de Notting Hill. Não me surpreendi com as palmeiras infláveis, as espadas de espuma nem com os cofres de tesouro cheios de chocolates e sacos de batata frita. Mas não esperava a recepção que o “Capitão Greybeard” havia preparado em seu escritório, para mim ou para quem quer que entrasse ali. No centro da parede, em uma moldura espetacular de madeira antiga, havia um retrato, supostamente do século XVII, de um homem corpulento, de aspecto arrojado, com um elegante terno vermelho-escuro, uma peruca barroca e uma espada na mão. Debaixo do quadro, sentado em uma espécie de trono dourado, via-se, em pose idêntica, um homem corpulento, de aspecto arrojado, com um terno vermelho-escuro (porém de corte moderno), uma excêntrica cabeleira grisalha e barba grande, teclando em um Mac com dois ossos em cruz grafitados abaixo do logotipo da maçã.

Sem cumprimentos nem preliminares, Graham Jennings pôs-se a contar que o homem do quadro fora seu *great-great-great-great-great-grandfather* (algo assim como seu tatata-tataravô), o famoso pirata Henry Jennings. O quadro havia sido herdado pelos filhos primogênitos de sucessivas gerações em linha

direta, embora do tesouro acumulado pelo célebre rufião já não restasse nada exceto o que os oceanos tragaram. Agora o tatatataraneto pretendia conquistar o mundo da internet.

Não acreditei em nada do que dizia aquele fanfarrão, que para mim se inspirara no Capitão Haddock, mas reconheço que o show me impressionou. Greybeard garantiu que a Buccaneer Design era a empresa de web design mais cool da cidade, e ele próprio um gênio comparável a Steve Jobs. Pelos trabalhos que eu vira, sabia antes de entrar por aquela porta que a primeira afirmativa não era verdadeira. Eles tinham bons designers e um ou outro programador eficiente, mas de usabilidade sabiam pouco. Era aí que eu podia contribuir, talvez até ajudá-los a transformar aquela empresinha iniciante em uma companhia que faturaria muito no sonho dourado do século XXI. Eu disse isso com toda a minha coragem, em um inglês que deve tê-lo surpreendido pela correção do sotaque britânico, e mostrei-lhe alguns mapas que esboçara a partir de seus sites principais, imitando “mapas do tesouro” amarelados, que o divertiram muito – ele até chamou seus grumetes para ver. Eu tinha me preparado bem.

– *Welcome aboard, darling* – disse ele depois de meia hora.  
– Bem-vinda a bordo.

Durante a entrevista, percebi que Grey também não era nenhum Steve Jobs. Mas ficou claro que se tratava de um vendedor nato, que só precisava ter algo decente para oferecer além da fumaça de seus canhões. E assim foi. Após um primeiro sucesso com a *webweddings.com*, uma empresa de organização de casamentos que em pouco tempo conseguiu milhares de usuários e chegou a ganhar mais de cinquenta milhões de libras esterlinas, começamos a atuar com algumas das empresas virtuais britânicas mais badaladas do momento, como a *lastminute.com* ou a *clickmango.com*. Cumpri longas jornadas de trabalho, mas também desfrutei a valer, em um ambiente divertidíssimo que lembrava mais os acampamentos de verão da minha juventude do que um projeto empresarial. E o mais importante para mim foi que tivemos a oportunidade de contribuir com experiências

culturais, sociais e políticas que semeariam uma sociedade mais participativa, uma democracia mais transparente, uma humanidade mais sábia, solidária e unida. Nesse período, tive a ilusão de que essas novas tecnologias nos ajudariam a melhorar o mundo.

Mas, em meados do ano 2000, o fabuloso castelo de cartas que as pessoas tinham construído em torno das empresas on-line começou a cambalear, e, depois dos atentados de 11 de setembro em Nova York – aos quais assistimos em peso pela televisão gigante da sala de reuniões –, concluímos que as tecnologias mais avançadas podiam ser usadas para semear o terror, que o ser humano ainda tinha muito a aprender e que, além disso, nossa própria torre começava a desabar. A economia mundial parou, os investidores perderam a confiança no comércio on-line, as empresas foram fechando uma atrás da outra e minha cota de ações se transformou em papel reciclável.

Grey teve de vender o barco da Buccaneer Design a uma companhia maior e mais voltada a clientes corporativos tradicionais, a Netscience Inc., e nos mudamos para seus escritórios enormes na City, sem palmeiras nem cofre de tesouro, nem o suposto quadro do suposto antepassado de Grey. O ambiente se tornou tão frio como a decoração minimalista das novas instalações. Isso ficou claro no dia em que levei alguns croissants para compartilhar com os colegas. Todos recusaram, um por um, embora com muita educação. Pareciam bem satisfeitos com seu café da manhã. Era como se evitassem se envolver em qualquer coisa que não dissesse respeito a trabalho. Tive de levar de volta a maioria dos croissants.

Agora o velho pirata se vestia como um consultor qualquer, com terno cinza e gravata sóbria, e até fora obrigado a cortar o cabelo e aparar a barba. Parecia um banqueiro. Na verdade, começamos a trabalhar muito para bancos. Especializei-me em *homebanking*, sistemas de segurança antifraude, calculadoras de hipoteca e mercados de valores. Posso dizer que contribuí com meu grão de areia para a criação e destruição da grande bolha seguinte, a imobiliária, e para a crise econômica definitiva, que

começou em 2008 e ninguém sabe quando terá fim. Infelizmente, também participei de projetos para um dos maiores negócios da rede – os cassinos virtuais –, para a indústria do tabaco e para uma das empresas de armamentos mais importantes do mundo. Grey não parecia ter muitos escrúpulos nesse sentido. Acho que fazia parte do seu espírito pirático.

– Eles nos pagam no fim do mês? Então mãos à obra, Penélope, que a coisa não está para brincadeira.

Mas eu não conseguia evitar: trabalhar para certos clientes me martirizava. E a Royal Petroleum era um deles. Meus pais, filhos de exilados espanhóis da Guerra Civil, cresceram na Londres dos Beatles e voltaram à Madri da Transição como autênticos hippies de cabelo comprido, com uma perua Volkswagen mal pintada e uma consciência ecológica muito adiantada para a época. Félix Rodríguez de la Fuente\* tornou-se meu ídolo quando eu tinha dez anos, e ao saber da existência do Clube dos Linces entrei para o grupo. De fato, conheci minhas melhores amigas, Vero, Patri e Susana, numa das aventuras dessa entidade ambientalista: a exploração da serra de Guadarrama. Mais tarde, quando decidi me formar em jornalismo, meu objetivo era me especializar em meio ambiente, e desde o primeiro ano participei ativamente da associação estudantil da Universidade Complutense de Madri.

O verde. No fim, a vida me levou para outro lado, mas sempre fiquei ligada a esses assuntos, e, se usava o metrô de Londres – sentia-me agoniada ao entrar diariamente naquilo que bem a propósito se chama *the Tube* –, era apenas para evitar mais uma fonte de contaminação para a cidade e o planeta.

Portanto, não me agradava nem um pouco ter de trabalhar agora em um novo website da Royal Petroleum, para coincidir com o relançamento da marca, que passaria a se chamar simplesmente “RP”. Evidentemente, após o famoso acidente em uma plataforma petrolífera do golfo do México que causou o vazamento de meio milhão de metros cúbicos de óleo em pleno

---

\* Médico espanhol naturalista e militante ambientalista. (N.T.)



Caribe, provocando um desastre ecológico sem precedentes, eles precisavam salvar sua imagem. Além de a palavra “petroleum” ter desaparecido do nome, o novo logotipo – um sol verde – e o slogan adotado – “New Energy” – lembravam os de uma ONG ecológica. Para justificar tudo isso, a petroleira havia adquirido várias pequenas empresas de energia renovável que representariam uma fração minúscula de seu negócio, mas teriam grande destaque na página de abertura do site.

Eu odiava tanto fazer parte desse projeto que demorei uma semana para preparar o texto para o encontro daquele dia, no qual discutiríamos a estratégia da Netscience para o lançamento da marca RP. Meu atraso dava nos nervos de Grey, que passava dias me atazanando com ligações e mensagens para saber como iam as coisas. É verdade que improvisar uma apresentação desse tipo era algo bem comum. Mas, se conseguíssemos a conta da Royal Petroleum, tiraríamos a Netscience do vermelho em um momento econômico bastante complicado. Por isso sabia que, ao sair do metrô, encontraria pelo menos dois torpedos e cinco chamadas perdidas de Grey. O London Underground, como tudo em Londres, é tão antigo que não há como instalar cobertura para celular ali dentro sem gastar um dinheiro que ninguém tem agora.

De repente caí em mim, pois vi que o trem já estava parado fazia algum tempo (quanto?) na estação de Bond Street, onde eu devia descer e fazer a transferência para a Central Line. As portas deviam estar quase se fechando, e havia uma verdadeira barreira de corpos amontoados me separando da efêmera abertura.

– *Excuse me!* – gritei como uma louca, tentando passar a todo custo, tropeçando em alguns guarda-chuvas e enfrentando os olhares indignados das pessoas.

– *Stand clear of the doors, please!* – disse o condutor pelo alto-falante, para evitar que alguma maluca como eu se arriscasse a ser espremida entre as portas ao tentar sair.

No último instante, consegui me desvencilhar da multidão e alcancei a estação com um salto, puxando o cinto do sobretudo logo antes que as portas o sugassem. Suspirei, aliviada. Mas então

percebi que, além do cinto, não tinha nada nas mãos. Minha maleta, com o notebook e a cópia da apresentação, havia ficado no vagão, atrás das portas, do outro lado da barreira humana. Tudo o que me restou foi observar, incrédula, aquela lata entupida de sardinhas humanas se afastando no túnel escuro, com seus sobretudo, guarda-chuvas, jornais e um objeto extraviado de que eu precisava urgentemente. Eram nove da manhã. *O'clock*.

Depois de uma transferência de linha, seis estações e uma corrida desenfreada pelas escadas rolantes, mandei uma mensagem a Grey avisando o que tinha acontecido, enquanto os recados dele, cada vez mais alarmados, amontoavam-se no meu celular. Assim que entrei no prédio da Wood Street, onde ficavam os escritórios da Netscience, recebi sua resposta: “OK. *Sharks for you*”. Ou seja, os tubarões me esperavam.

Ao entrar na sala, vi que, além dos diretores de design, programação e sistemas, e de Grey como *project manager*, estava presente à reunião a CEO da Netscience, Anne Wolfson, que lembrava Thatcher, mas em versão mais sóbria. De fato, ela estudara na mesma faculdade de Oxford que a Dama de Ferro, e fazia questão de mostrar isso usando sempre no casaco um broche de sua graduação na Sommerville College. A primeira vez em que a vi foi na reunião geral que presidiu depois de nossa admissão na Netscience, com outras quinhentas pessoas.

Naquela ocasião, ela só falou do esforço, do compromisso e do sacrifício que o mercado exigia de nós. Esse “sacrifício” incluía, como fomos percebendo dia a dia, e rumor a rumor, uma encenação desse sofisticado, secreto e sangrento ritual corporativo das *redundancies* (ou seja, *demissões*), das quais ela mesma assumiria o papel de suma sacerdotisa. Algumas semanas depois, após um misterioso sabá do diretório, ela nos convocou novamente para anunciar cortes que afetaram um em cada quatro empregados.

– Ah, aí está você! – disse Grey com um sorriso forçado emoldurado pela barba limpa e bem cuidada. – Para algumas

pessoas, a pontualidade é fundamental. Para nós, porém, você é muito bem-vinda! Bom dia, Sarah!

O “bom dia” ele disse em espanhol, o que fez o grupo todo dar risada, com exceção de Wolfson, que pelo jeito nunca ria. Fiz o possível para esboçar um sorriso, imaginando qual seria minha aparência depois da correria no metrô. Grey me apresentou aos diretores de marketing e de comunicação da Royal Petroleum e a mais três pessoas da empresa que haviam se proposto a dar sua opinião. Cinco homens. Pela expressão deles, já deviam ter participado de várias reuniões semelhantes com outras consultoras, e percebia-se que a enfrentavam com mais paciência do que boa vontade. O diretor de comunicação, um sujeito altíssimo de nariz saliente e óculos de armação verde-limão, só afastou os dedos do smartphone para apertar minha mão. O diretor de marketing, um *gentleman* já mais velho, com pouco cabelo e bastante barriga, bocejava.

– Podemos continuar? – perguntou Anne, dirigindo-se a mim e ajustando o casaco com um puxãozinho que fez balançar o broche dourado.

Eu estava pronta para explicar o que tinha acontecido no metrô, com muitos *sorrys* e demonstrações de vergonha, quando Grey interveio, pondo-me de lado, com o seguinte discurso, digno de Henry Jennings:

– A proposta da Netscience para a nova RP se baseia na simplicidade. O nome da marca se simplifica. O desenho gráfico, como explicou Catherine, se apoia na pureza do branco e em poucos tons de verde e amarelo. Mas o segredo da simplicidade está na estrutura do website, e nessa área Sarah é especialista. Por isso decidi abrir mão de apresentações eletrônicas e usar algo mais simples: a lousa!

Grey tornou a sorrir e todos o acompanharam, menos Anne, que não parecia muito convencida da minha suposta iniciativa e se limitou a fincar os cotovelos na mesa e a brincar com o escudo dourado de Sommerville. O pessoal da Royal Petroleum, ao contrário, demonstrou súbito interesse. Quem, hoje em

dia, se atreveria a fazer uma apresentação sem a ajuda do Power Point? O diretor de marketing ajustou os óculos verde-limão e guardou o celular no bolso do paletó. Sim, não havia dúvida, o Capitão Grey era um excelente vendedor. Mas só se tivesse algo extremamente bom para vender. E dessa vez não foi assim.

– *Ummm... Thank you, Graham* – comecei, totalmente apavorada. – *For this website we tried to balance simplicity with functionality...*

Eu me via falando e gesticulando como em um sonho, desconectada do corpo, enquanto tentava desesperadamente resgatar da memória trechos do que havia preparado nas últimas horas: menus de apresentação, hierarquias conceituais, botões e conexões, mapas, microsites. Mas, por mais que me esforçasse, era como se os detalhes se perdessem e se confundissem em um marulho enjoativo e oleoso que parecia agitar toda a sala. Meu coração começou a bater em ritmo frenético, e, quando o marca-texto caiu no chão, tive medo de desmaiar se tentasse pegá-lo.

– *Ex... excuse me* – disse, procurando sorrir para os rostos enevoados que mal distinguia em meio ao turbilhão de náusea.

Meu sangue circulava nas veias com tal estrondo que não escutei nem minhas palavras. O enjoo se intensificara, e eu não tinha forças para lutar contra ele, como um mergulhão coberto de destroços marinhos pegajosos. Então apareceu uma onda gigante, negra, viscosa, que tornou tudo escuro, e só me restou afundar.